



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



A PELE DO "GIGANTE"

Por JOSÉ AUGUSTO DO VALE

Desenhos de CASTANÉ

EDUARDA era uma das meninas mais novas da casa de certa família abastada. Possuía inteligência, bondade e era dotada duma interessante fisionomia. Mas tinha um grande defeito: — O luxo acorrentava-a com os olhos cheios de cobiça, como as águas do ribeiro acorrentam as folhas dos amieiros e dos choupos que se desprendem, amarelecidas.

Algumas admoestações não as queria ouvir. E assim foi indo, à mercê da vontade própria, como se os seus actos fôsem revestidos da mais elevada consciência.

Sua mãe, D. Maria da Purificação Brás, comquanto reconhecesse na filha o seu estado de criança, esperava, contudo, o momento oportuno para lhe pôr em evidência o caminho errado que levava.

Um dia, passou, junto da porta de Eduarda, uma senhora de fóra da terra, muito bem vestida, le-



(Continua na página 4)

OS RATOS

Por FRANCISCO LYON DE CASTRO

Desenhos de CASTAÑÉ

ERA muito espevitada. Apesar de ser ainda tão nova, já discutia com pessoas adultas e quando a contrariavam, colocava as mãos na cintura franzina e, com energia, batia o pézinho.

Era muito corajosa, e as suas faces rosadas e a vivacidade dos seus olhos, demonstravam bem que tinha sangue na guelra.

Falava-se-lhe em almas do outro mundo, em bruxas, em mistérios e o seu collar de pérolas, que se anichava dentro da pequenina boca, aparecia já como efeito de um sorriso.

Mas... só uma coisa a fazia mudar de côr. O verde, o amarelo, o branco e o azul substituíam a vermelhidão do seu rosto e os olhos sempre espertos e maliciosos toldavam-se de lágrimas. Um grito de espanto sucedia a esta mudança de côres e um desmaio, com a respectiva colherzinha de flôr de laranja, era o termo da festa.

Nunca se soube porquê, mas se queriam ver a Julinha côr de rosa às riscas era falarem-lhe em ratos. Um rato no

seu quarto aí tínhamos um dia inteiro num vale de lágrimas.

Talvez por ela ser tão medrosa os ratos, que nenhum mal lhe faziam, ela, naquela noite, teve um sonho... e que sonho!...

Os dois ratinhos amavam-se muito; tudo o que êle conseguia apanhar na dispensa, repartia com ela. Quantos sacrificios, quantas fugas desordenadas, tudo por causa dela.

Por várias vezes, à entrada duma ratoeira, os seus olhinhos pressentiam o fim da vida e com saúdades do manjar que deitava um cheirinho que era mesmo uma consolação, lá deixava o toucinho só, sem lhe tocar pois ser-lhe-ia fatal e depois não poderia casar com ela.

Mas o rato seu compadre, já andava a deitar os olhinhos para ela, e era com imensa saúde que êle, no seu esconderijo, se lembrava da sua amada.

Contudo um dia encontraram-se: êle e o compadre. O ratinho pequenino, louco de amor, empunhando uma espada, perança dos seus antepassados, e enfren-



tando com corágem o ratão compadre que trazia sempre a pança cheia, porque tinha um exército de criados por sua conta, dirige-lhe uma pergunta depreciativa:

— Tu ratão compadre, lá por seres mais poderoso do que eu, julgas que não tenho corágem para me bater contigo? Porque persegues a minha amada?

Ratão compadre, sentindo-se ofendido na sua alta personalidade, desembainha um espadilhão cheio de ferrúgém que uma vez encontrara num caixote, e, sem mais observações nem réplicas, vá de se bater num duelo com um ratinho, que já esperava o golpe.

Só agora reparam que estão sobre um precipício; lá em baixo, no fundo, a morte espera-os. Estão sobre uma plataforma a grande altura e ao primeiro que cair nem os ossos se lhe aproveitam.

Cá em baixo reúnem-se partidários do ratão compadre e do ratinho apaixonado. Dois enfermeiros esperam a queda de qualquer deles.

As espadas, de tantas vezes se tocaram e de fenderem o espaço, já reluzem. Ambos são bons espadachins e a ansiedade é grande.

O duelo é sangrento, e o ratinho pequenino esgrimindo com uma pericla extraordinária concentra o seu pensamento na sua amada. E' ferido em pleno coração que derrama sangue aos borbotões, e fixando a imagem daquela por quem êle daria a vida e redobrando de esforços fere mortalmente o seu rival. O corpo cai com grande gaudío dos partidários do ratinho apaixonado em cima da maca que verga com o seu peso.

O ratinho pequenino com as forças

(Continua na página 4)



A VIDA DE LUIZINHA

Por A. A. PASSOS

Desenhos de CASTAÑÉ

A' MINHA AMIGUINHA MARIA LUIZA G. AUGUSTO



LUIZINHA era a criança mais encantadora da aldeia de Veiros.

Sempre alegre, bôa e caritativa, repartia tudo que lhe davam com as crianças da sua idade e com os pobres, chegando mesmo a pedir aos criados que lhe dessem pão, queijo, fruta e muitas outras coisas.

Vivia com seus pais numa casa luxuosa, rodeada por um enorme jardim onde se viam as mais raras e bonitas flores.

Seu pai, o Senhor Corte Real, era o mais rico negociante daquela terra.

Luizinha, tinha, então, oito anos mas, a-pesar-da sua pouca idade, revelava já os seus elevados sentimentos.

Quando via passar pela rua alguma mulher ou criança descalças e rotas, chamava-as e levava-as à presença de sua mãe, pedindo-lhe que lhes desse calçado, vestuário e tudo quanto elas necessitassem.

A Luizinha ia crescendo e prometia ser a mais adorável das mulheres, Chamavam-lhe a Fada de Veiros e era conhecida por todos os habitantes das aldeias próximas; tal era a popularidade de que gozava.

Mal se levantava, corria logo aos bairros mais pobres para visitar os seus doentes e protegidos (como ela lhes chamava), fazendo-se sempre acompanhar por um criado que ia carregado de cestos com roupas, mantimentos e objectos vários.

Tinha para todos um sorriso de esperança, palavras animadoras, frases cheias de bondade e doçura; assim ia animando e consolando os pöbrezinhos que, no meio da



sua desgraça, se consideravam felizes por Deus lhes ter dado tão pura consoladora.

Chegou, finalmente, o dia dez de Agosto, esplêndido dia de verão.

A casa de Luizinha está cheia de alegria; vozes alegres e sonoras gargalhadas se ouviam, vindas do vasto salão principal.

No enorme pátio da casa que deitava para um pequeno lago com um encantador repucho, estavam agrupados em grande número os pobres de Veiros.

E' que a Luizinha completava, naquele dia, dezoito primaveras.

Por sua ordem, devia ser distribuido um bodo a todos os pobres da sua aldeia.

Numerosos convidados estavam reunidos na grande sala de jantar; e este decorreu na maior animação.

Depois do jantar, dirigiram-se todos para o grande salão onde se devia realizar o baile.

Antes dêste começar, Luísa quiz ir gosar um pouco de ar puro para o terraço. Estava encostava a um pilar, quando, de repente, olha para a direita e vê uma coisa que a fez estremecer!

Um pobre rapaz que devia ser mais ou menos da sua idade estava ali, descalço, com o fato todo rôto, muito pálido e triste, sentado numa pedra.

Acercou-se dêle e perguntou-lhe quem era e o que fazia ali, áquela hora.

O rapaz, muito tímido mas de olhar franco e sincero, contou-lhe a sua vida:

Era empregado duma fábrica onde ganhava o bastante para si e seus velhos pais; mas, de repente, a fábrica fechou e caíram na mais negra miséria.

(Conclue na página 6)



A PELE DO «GIGANTE» — (Continuação da 1.^a página)

vando com ela uma grande pele ao pescoço.



Eduarda, ao vê-la, ficou pesada por não ter uma pele igual. Por isso, matutando para consigo, revestiu-se de corágem e pediu a sua mãe que lhe comprasse uma boa pele pois, assim, ficaria mais resguardada dos frios ásperos que, durante o inverno, lhe poderiam cortar a sua mimosa cútis.

Este argumento, como estais vendo, não se justificava no facto de Eduarda ser muito atreita a passar mal com o frio; mas era um dos paliativos dela para convencer sua mãe.

Estava lançado, por consequência, o plano.

Ora a D. Maria da Purificação Brás que tudo mediu, muito bem, desde o princípio, disse-lhe que sim e que, no próximo sabado, iriam tratar do assunto.

Chegou-se o dia de sabado e a mãe de Eduarda, fiel ao seu tratado, ordenou a uma das criadas que lhe fôsse chamar o «Joaquim

Raposo», conhecido negociante de peles e abatedor de gados.

A criada, deligente como era, deu cumprimento ao recado.

Logo que chegou o «Joaquim Raposo» contou-lhe, sumariamente, o que pretendia fazer.

Em seguida, mandou chamar Eduarda que não se fez esperar, batendo as palmas de contente.

D. Maria da Purificação Brás, revestiu-se dum modo autoritário e mandou chamar, também, o fiel guarda da casa, um lindo cão da Terra-Nova que tinha o nome de «Gigante».

O belo animal, airoso, e amigo dedicado como era, apareceu, imediatamente, pronto a receber ordens.

Então, a mãe de Eduarda, perante o magarefe, o cão e a filha, tendo, ainda, como assistentes, outras pessoas, dirigiu ao magarefe a seguinte fala: — «Sr. Raposo: — A minha filha Eduarda tem um alto interesse em possuir uma pele de animal que seja fina e bonita. Ora como eu não posso adquirir uma outra que seja melhor do que a do meu — «Gigante» — o sr. Raposo leva con-



OS RATOS — (Continuação da 2.^a página)

quasi esgoiadas e vendo a sua amada cá em baixo com os olhos rasos de lágrimas desce cambaleando, enquanto lhe canta a sua sonata predilecta. Está agonizante, e ajoelhando-se-lhes aos pés jura-lhe amor eterno, e sofregamente beija-lhe as delicadas mãos que êle tantas vezes atágara. Morre.

E ela que lhe tinha também grande amor não podendo resistir áquela má-gua sucumbe também, caindo sobre o cadaver de seu ex-noivo.

.....
Dobravam os sinos. A sineta do cemitério na sua lengalenga parecia dizer: «lá vem mais... lá vem mais um...»

O cortejo fúnebre, lá ía a caminho do cemitério. A frente seguia uma charanga que tocava uma música muito sentimental.

Depois seguia-se-lhe o caixão com os restos mortais daquele que em vida fôra o mestre ratão. A seguir vinha um

caixão mais largo onde vinham os corpos dos dois ratinhos que em vida se tinham amado tanto.

A entrada do cemitério o acompanhamento rompeu em soluços, e entre os amigos dos mortos davam-se scenas lancinantes. Quando os caixões desceram ás covas, lencinhos rendilhados limpavam os macerados olhos das donzelas que soluçando rompiam o silencio que havia no coval.

A volta do cemitério viam-se os pa-

A curiosidade do Bêbé

Por IVONE OLIVEIRA E SILVA
Desenho de CASTANÉ

— «Oh! mamã
Quem é aquele
Que naquele quadro, ali,
Ao colo duma senhora,
Está olhando para mim? ...»

— «Aquele, qu'rido filhinho,
Aquele é o Deus Menino,
Ao colo de sua mãe,
A Virgem Nossa Senhora.
E' o Menino Jesus
Que, no Natal,
Nessa noute acolhedora,
Vem depôr na chaminé,
Nos sapatos dos meninos,
Um presente sem igual
De brinquedos muito lindos».

— «... Ah!...
E' aquele a quem eu peço
Muitas das vezes perdão?!
Aquele tão pequenino
A quem peço em oração
A saúde dos paizinhos
Sempre que à noute ao deitar,
Tu me ensinas a rezar?»

— Sim, adorado filhinho,
A-pesar-de pequenino,
Ao colo de sua mãe,
Sempre está socegadinho
E tem o poder divino
De praticar sempre o bem».



Bêbé ficou a scismar;
E, depois de meditar,
Resoluto, eis que responde:
— «E se eu passasse a ser bom
E estivesse sempre assim,
Ao colo da mamãzinha,
Todos gostavam de mim? ...»

F I M

A VIDA DE LUIZINHA — (Continuado da página 3)

Havia já alguns meses que andava por essas terras, a pé e cheio de fome, à procura de trabalho sem nada conseguir.

Luizinha, então, com a sua voz doce e animadora, disse que ficasse descansado que empregaria todos os esforços possíveis junto de seu pai, para que o empregasse numa das suas fábricas.

Depois de lhe dar esta esperança, mandou-o conduzir a casa por um criado, ordenando a êste que lhe desse de comer e tudo de que êle precisasse.

Em seguida, Luísa dirigiu-se para o salão onde já era esperada, mais alegre do que nunca por ter praticado mais uma boa acção.

Na sala de jantar onde havia seis anos se tinha realizado o banquete em honra dos anos de Luísa, encontrava-se, encostado a uma janela, um elegante par que conversava animadamente.

Êle:—um distinto rapaz, dos seus vinte e cinco a vinte e seis anos, muito elegante, simpático e de maneiras muito

afáveis; ela:—uma loura encantadora, cujos olhos azuis deixavam transparecer a pureza da sua alma.

Jorge Leal, era assim que se chamava o garboso rapaz que falava com Luísa (porque decerto já adivinharam que era ela), não se parecia nada com o pobre e pálido rapaz que ela vira na noite de 10 de Agosto. Mas, com efeito, era êle. Porém, como estava mudado!

Rico comerciante, era êle quem administrava todos os serviços do Senhor Côrte Real, porque êste, vendo a sua inteligência e amor pelo trabalho, quiz fazer dele seu herdeiro, casando-o com Luísa que estava contentíssima porque, assim, satisfazia os seus mais secretos desejos.

Luísa tem agora vinte e oito anos e considera-se a mais feliz das mulheres; mas a-pesar-da sua felicidade não se esqueceu dos seus pobres. Pelo contrário, continua a tratá-los com mais bondade e carinho do que nunca.

E' a dama mais respeitada e venerada de toda a região.

Tem dois filhos, encantadoras crianças que são o vivo retrato de sua mãe.

A PELE DO «GIGANTE» — (Conclusão)

A D I V I N H A

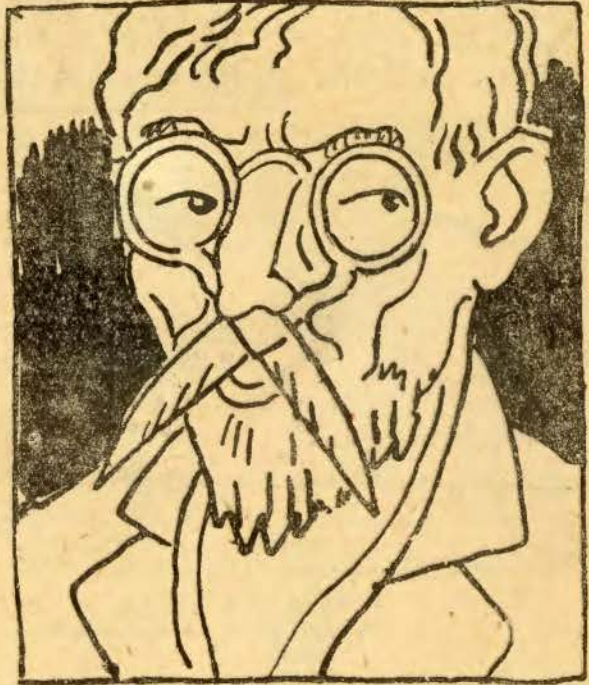
como que a dizer-lhe: — «Calate... cala-te!... Não sejas tola... Não te aflijas... Só te peço que não estejas tão triste porque nos entristeces, também!... Esquece tudo...»

Eu sou teu amigo, assim como de todos os da casa!

A tua leviandade está perdoada!...»

E, enquanto esta scena se passava no pátio da casa, uma das irmãs, muito dada às Belas-Artes, desconhecendo o facto, lá dentro do edificio, numa das bem arrumadas salas, arrancava no piano os últimos acordes da *Valsa-Dolores*, e passava e executar uma serenata de *Shuber*, cujo ritmo se ia confundir com os gorgeios das aves e com o ciclar da folhagem dos espessos laranjais que revestiam a encosta da colina fronteira.

Daf para o futuro, Eduarda, cada vez que via uma pele de abafa entristecia e desviava os lindos olhos, corando de vergonha, por se lembrar, imediatamente, da sentença da mãe que ia custando a pele ao seu querido «Gigante».



F I M

Meus meninos: — O alfaiate Jeremias perdeu a sua tesoura. Vejam se a descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM

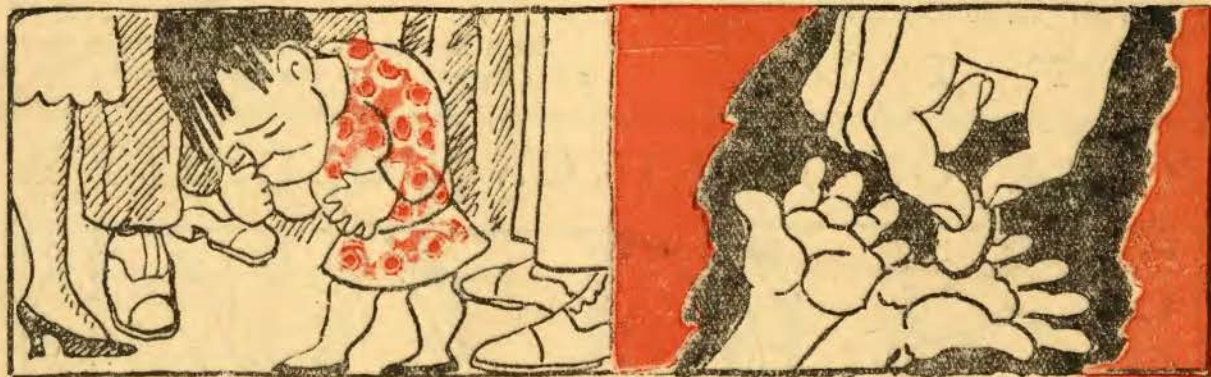


R E C O M P E N S A



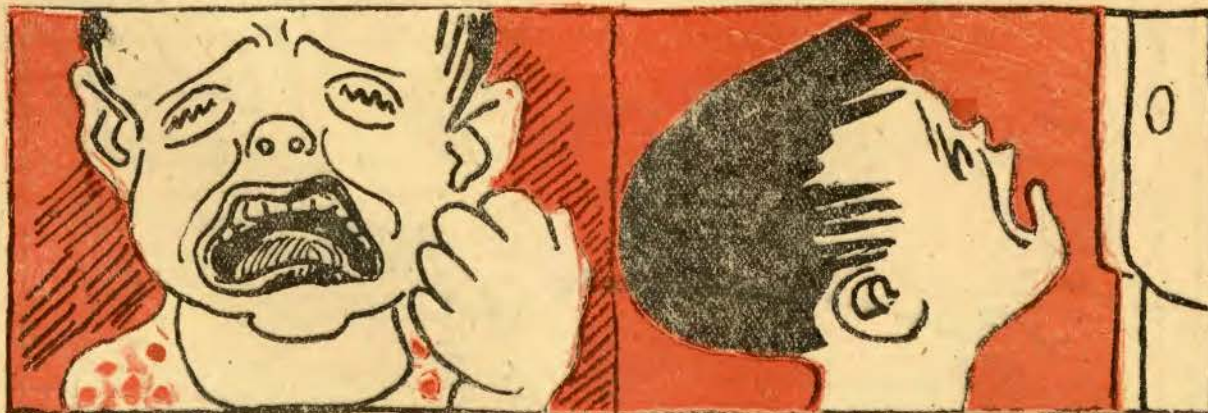
Por ter sabido as lições,
o pequerrucho Zequinha,
recebeu cinco tostões,
como prêmio da Mãezinha.

Corre direito à loja,
com seus modos foliões,
mas, pelo caminho, o Zeca,
perde os seus cinco tostões...



Em altos gritos começa
a procurá-los em vão,
e enche-se logo a travessa
por enorme multidão!

Ao saber de tal desgraça,
que provoca exaltações,
logo, um sujeito que passa,
dá-lhe outros cinco tostões.



Mas Zequinha não se cala
e ao ver o desgosto seu,
preguntam: — «Porque se rala,
se já tem o que perdeu?!»

«Pois sim, — (responde, vencido
por tão grandes comocões —)
se os não tivesse perdido
tinha agora dez tostões...»